

Um modo de ensinar-e-aprender música na Folia de Reis

Comunicação

Aline Moraes Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina

aline.ms@edu.udesc.br

Sandra Mara da Cunha

Universidade do Estado de Santa Catarina

sandra.cunha@udesc.br

Resumo: Este artigo é parte da dissertação de mestrado que investigou como se dá a circulação dos saberes musicais em um contexto de tradição oral. Seu objeto de estudo é a Folia de Reis, manifestação do catolicismo popular devota dos Três Reis Magos. Tendo o estudo de caso como metodologia, e a entrevista semiestruturada como ferramenta de coleta de dados, a investigação foi realizada em Guaxupé, cidade localizada no sul de Minas Gerais. O objetivo principal do trabalho foi compreender quais elementos e situações apoiam os processos de ensinar-e-aprender música na Folia de Reis. Ensinar-e-aprender, neste trabalho, é entendido como uma ação social, respaldada pelo diálogo e pela troca de saberes que fluem em redes, em um processo fundado na coletividade, na circularidade, na troca e na partilha. Para o presente artigo, destaco um modo próprio de ensinar-e-aprender música, a partir dos processos de aprendizagens musicais pelos quais passou o Sr. Itamar, mestre folião e sujeito da pesquisa, e da experiência que tive enquanto aprendiz, sendo essas relações o fio que conduz este texto. Descrevo o trajeto das entrevistas aos dados, e focalizo o tema de ensinar-e-aprender que emerge deste estudo. A experimentação junto ao grupo e o acolhimento da aprendizagem enquanto processo confirmam a existência de redes de apoio nas quais a circulação dos saberes acontece, evidenciando um modo de ensinar-e-aprender pautado na confiança e na coletividade.

Palavras-chave: Folia de Reis; Ensinar-e-aprender; Tradição Oral.



Introdução

Todo ano, no período natalino, a cidade de Guaxupé se enfeita de luzes e as noites se tornam frequentadas por seus habitantes. Em meio aos adornos verdes e vermelhos que fazem alusão ao Natal, são construídos, pela prefeitura, presépios gigantes representando a visita dos Três Reis Magos ao menino deus, instalados em vários pontos da cidade. Também em suas casas, os devotos constroem pequenos presépios. Muitos deles serão saudados por Companhia de Reis, que tradicionalmente cumprem sua jornada do dia 24 de dezembro até o dia 6 de janeiro, quando as Folias encerram suas obrigações e se recolhem até o compromisso do ano seguinte. Durante os dias e as noites, as ruas da cidade são atravessadas por diversos desses grupos, que vão batucando, cada um a seu modo, para avisar da sua presença. As crianças e os devotos saem à rua, e a Folia entra nas casas que se abrem aos Santos Reis. A Bandeira é entregue aos donos da casa, e a Companhia adentra para cantar suas bênçãos.

As Folias, Companhias ou Terno de Reis integram um conjunto maior de manifestações do catolicismo popular que celebra a jornada dos Três Reis Magos, todos eles sob a denominação de Reisado. Segundo Silva (2006), há Reisados em pelo menos 20 estados brasileiros, demonstrando a força que os autos e cantorias para os Santos Reis têm em nosso território. No caso da Folia de Reis, Brandão (1985) afirma sua predominância:

Dentre todas, as Folias de Reis são a viagem ritual mais difundida no Brasil e a mais rica de ritos e crenças próprias. Os devotos e promesseiros saem na noite de Natal ou na do Ano Novo e percorrem um território de estradas e casas pré-determinado, até a tarde do dia 6 de janeiro, a “Festa dos Três Reis Santos”, no imaginário popular. É muito difícil calcular o número de grupos de foliões “em jornada” pela beira das cidades e pelos campos, no Brasil, durante esses dias. É difícil haver um município ou povoado, pelo menos em Minas Gerais e em Goiás, assim como em inúmeras regiões da Bahia, de Mato Grosso, de São Paulo e do Paraná, onde não haja pelo menos um, às vezes alguns “ternos de Folia de Reis” no exercício devoto de “cumprir a missão”. (BRANDÃO, 1985, p. 138).

Atualizando as informações de Brandão (1985), o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG) realizou, em 2016, um inventário no qual foram cadastrados 1.255 grupos de foliões, distribuídos em 326 municípios mineiros. Segundo Rodrigues (2017), este levantamento ofereceu as bases para que o Conselho Estadual de Patrimônio de Minas Gerais (CONEP) reconhecesse a Folia de Reis como patrimônio imaterial



do estado, em 2017. Em Guaxupé, local da presente pesquisa, existem atualmente 24 grupos de Folia de Reis, segundo dados da Associação Guaxupeana de Defesa do Folclore.

Foi a partir desse contexto que se deu a investigação que dá vida a este artigo, um recorte da dissertação de mestrado que teve como objetivo compreender que elementos e situações apoiam a aprendizagem musical na Folia de Reis. Trazendo o estudo de caso como metodologia de pesquisa, e a entrevista semiestruturada como ferramenta de coleta de dados, o estudo teve como sujeito da pesquisa o Sr. Itamar, o Bigode, sanfoneiro da Companhia de Reis Estrela Guia e detentor de muitos saberes sobre a Folia de Reis. Como tive a oportunidade de integrar a Companhia entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022, a análise dos dados foi realizada em uma triangulação entre os aportes teóricos, baseados nos diálogos da Educação Musical com a Etnomusicologia, os dados das entrevistas e a minha experiência enquanto aprendiz de Folia.

Diversos elementos que compõem a estrutura da Folia e dinâmicas de circulação dos saberes musicais puderam ser observados nesse estudo. Para o presente artigo, destaco um modo próprio de ensinar-e-aprender música, a partir dos processos de aprendizagem musicais pelos quais passou o Sr. Itamar, mestre folião e sujeito da pesquisa, e da experiência que tive enquanto aprendiz, sendo essas relações o fio que conduz este texto. Descrevo o trajeto das entrevistas aos dados, e o focalizo o tema de ensinar-e-aprender que emerge deste estudo.

Da conversa aos dados

O Sr. Itamar, conhecido por todos como Bigode, tem uma vasta trajetória dentro da Folia de Reis, jornada que começou ainda na infância, passando por diversas Companhias e diversas posições dentro dos grupos que integrou. Quando nos conhecemos, ele me convidou para participar da Folia, e logo depois eu o convidei para compor a pesquisa com suas narrativas, convite que foi aceito com muita alegria e disposição, já que tem uma inclinação natural para contar suas histórias e um evidente desejo de ensinar.

Realizei a primeira entrevista com o Sr. Itamar em abril de 2022, em sua casa na Fazenda Tulha, em Guaxupé, quando tive a oportunidade de contar-lhe com detalhes sobre os objetivos da pesquisa. O intuito da primeira entrevista foi motivar uma narrativa livre a

partir de uma questão geradora, que nesse caso foi a história do entrevistado com a Folia de Reis. Segundo Flick, essa estratégia é uma maneira mais eficiente de expressar a experiência subjetiva do que no modelo de perguntas e respostas (FLICK, 2004, p.109, *apud* PENNA, 2021, p. 4).

A partir dessa primeira narrativa, elaborei o questionário semiestruturado que serviria de guia à segunda entrevista. Segundo Alberti (2005), uma entrevista pode ser temática ou de história de vida. Apesar de considerarmos, na primeira entrevista, a história do Sr. Itamar enquanto folião de Reis como tema gerador, a entrevista teve como foco os elementos e situações que apoiaram sua aprendizagem musical nos grupos que integrou, tratando-se, portanto, de uma entrevista temática. Para Pereira (2021, p. 5), é o tema que dá origem ao diálogo, e de fato, toda a relação estabelecida no campo está atravessada pelo interesse pela aprendizagem, central no tema desta pesquisa e nas maneiras com que me deixei tocar por ela.

Outro aspecto levado em consideração para a construção do questionário foi minha experiência como integrante do grupo Estrela Guia. Minha vivência junto à Companhia possibilitou formular inúmeras perguntas quanto às dinâmicas do grupo. Movimentos, olhares e estratégias de regulação da performance musical foram percebidos por mim, porém não decodificados, fornecendo muitos elementos para a elaboração das perguntas.

A segunda entrevista foi realizada em julho do mesmo ano. Enquanto a primeira entrevista foi realizada na fazenda onde residia, a segunda aconteceu em sua nova morada, pois estava recém mudado para a área urbana de Guaxupé. O Sr. Itamar me recebeu com muita alegria, e logo já começou suas histórias, revelando o desejo de compartilhar o conhecimento acumulado ao longo dos anos.

Percebi que o fato de assumir o papel de novata no grupo nos colocou em uma relação de mestre e aprendiz. Acredito que esse fato tenha proporcionado fluidez à entrevista, que se deu sem os potenciais percalços de uma entrevista pautada na relação entrevistador-entrevistado. Esses papéis estavam bastante diluídos, criando um ambiente informal e acolhedor. Minha experiência prévia no contexto da Companhia de Reis Estrela Guia foi crucial também no curso da entrevista, pois os elementos que se apresentavam na narrativa podiam ser reconhecidos por mim e aprofundados.



As entrevistas foram transcritas a partir das normas de transcrição sugeridas no texto *A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura*, elaborado a várias mãos e coordenado pela professora Dulce Whitaker (2000). O texto traz sugestões importantíssimas com relação à transformação do áudio da entrevista em texto, visando preservar o discurso do entrevistado e evitar erros comuns e inconscientes no ato da transcrição. Uma das orientações do texto é não reproduzir erros gramaticais, como, por exemplo “*ocê chegô*”, já que a fala e a escrita diferem em natureza, e transcrever a fala dessa maneira, ao invés de respeitar a fala do outro, seria uma forma de transformá-la em caricatura. Aconselha, porém, respeitar a sintaxe do discurso, não corrigindo a concordância verbal, como no exemplo “*mandou nós fazer*” (WHITAKER *et al.*, p. 68, 2000).

Com as duas entrevistas devidamente transcritas, realizei inúmeras leituras, visando a identificação e a categorização dos temas mais recorrentes. Organizei as transcrições em um sistema de cores, definindo uma cor para cada tema. Em seguida, o texto foi reorganizado a partir dessas temáticas, e palavras ou ideias que se evidenciaram na minha leitura foram destacadas.

Nesse ponto, com os dados organizados do modo descrito, uma das temáticas que emergiram está diretamente relacionada com os processos de aprendizagem musicais pelos quais Itamar passou, como aprendeu a tocar os instrumentos, quem foram as pessoas que participaram desses processos, quais aspectos foram relevantes para a construção desses saberes. Quando os organizei, encontrei relações diretas com a experiência que tive enquanto aprendiz, sendo essas relações o fio que conduz à presente temática: um modo próprio da Folia de Reis de ensinar-e-aprender música.

Um modo de ensinar-e-aprender

Itamar conta que seu primeiro instrumento foi o cavaquinho, aos sete anos, e que seu pai afinava e ensinava a ele as primeiras posições.

Mas o povo ria de mim, que eu era fraquinho, na hora que saía assim nas casas eu ficava lá, batendo primeira, segunda e terceira¹, né. Não sabia

¹ Os termos referem-se aos acordes de tônica, dominante e subdominante, respectivamente.



direito não, uma palhetinha de chifre... ah...na hora que saía de dentro da casa eu ficava com aquele vagalume: vagalume tem-tem, vagalume tem-tem (risos) ...ê, mas a turma ria de mim quando eu era moleque, eu lembro disso até hoje. O embaixador, o finado meu pai, falava: você pára com esse vagalume tem-tem, aprende outra coisa, nós estamos cansados desse vagalume tem-tem. Aí foi indo, foi indo, foi indo, aprendi a pontear o cavaquinho. (Entrevista, jul. 22)

Ele treinava entre uma e outra casa, nos intervalos da cantoria. Sempre a mesma música, repetidamente. Recorda, também desse período, o pai ensinando aos filhos a abertura das vozes:

Aline: Você disse que a primeira Companhia, do seu finado pai, todo mundo era de casa, todo mundo da família.

Itamar: Tudo. Eu, meus irmãos e meu pai.

Aline: O seu pai ensinava, ou era desse jeito, ia aprendendo tocando?

Itamar: Não, porque nós morávamos tudo dentro de casa, né, tudo junto. Meu pai era embaixador. Como ele era embaixador, nós tudo tinha instrumento: um tinha viola, outro tinha violão, tinha caixa.... Aí, como ele era embaixador, no meio do ano, nos reuníamos, tinha uma varanda grande em casa, lá na roça, a gente reunia lá no domingo, cantava umas modas de viola, aí ele pegava ia embaixar, aí nós íamos, tudo rapazinho novo, aprender com ele. Ele falava: “você já viu a Companhia, você já acompanhou, já, então você já sabe o agudo como é que vai ser”. Se ele visse que a voz estava fora ele chegava e “fio, mais alto um pouquinho”, “Fio, mais fino um pouquinho”, “mais grossa um pouquinho”, ele ensinou nós. (Entrevista, jul. 22, grifos meus).

Não há novidade em constatar que muitas das expressões populares são conformadas a partir de seus núcleos familiares, assunto amplamente estudado pela antropologia e que se articula com diversas dimensões. Aqui não me deterei nesse tema, apesar de reconhecer que o aspecto do pertencimento, seja a partir de laços de parentesco ou de amizade, são vitais para o dinamismo dos grupos. Pertencimento que atua em duas direções: o de sentir-se “pertencente a determinado local ou circunstância e ao mesmo tempo sentir que tal local ou circunstância o pertence” (ROCHA, 2014, p. 26).

O pai ensinava, mas provavelmente sabia que mais importante que dar o tom correto da voz era o fato de os filhos já conhecerem a Folia. A memória, a escuta e a vivência aparecem como sinônimos de saber: “você já viu a Companhia, você já acompanhou, então você já sabe o agudo como é que vai ser”. Ao mesmo tempo, ele ensinava, intervindo quando necessário: “mais alta um pouquinho, mais grossa um pouquinho”. (Entrevista, jul. 22).



Foi com essa mesma dinâmica que a Companhia Estrela Guia me recebeu, juntamente com Vitor e Carol, amigos e aprendizes da Folia. O convite para participar, cantar junto, experimentar, antecederam qualquer orientação sobre *como* fazer isso:

Itamar: Uai, esse ano mesmo eu fiquei contente porque você foi. Você veio, eu convidei você, agora você vai ver onde nós vamos cantar ... os foliões certos da Companhia. Você e o Vitor, vocês vão prestar atenção, nós vamos ver qual voz vai dar certo para vocês. Cada voz é um tipo de um agudo. Aí você ficou de um lado espiando nós cantar. O Vitor também do outro. Aí o Vitor achou que dava certo ele cantar no lugar do Lolinha. Aí eu perguntei pra você, Aline. E você falou: eu acho que é a tua voz, você falou pra mim, acho que tua voz dá pra mim fazer. Então... experimenta. (Entrevista, jul. 22).

A imersão ao contexto da Folia foi a ambiência para o aprendizado acontecer, concordando com Brandão que afirma que “ternos de folgazões e foliões são o lugar suficiente do aprendizado” (BRANDÃO, 1984, p. 100). Posso afirmar que o primeiro gesto da Folia foi nos receber em seu meio. Se música é, na verdade, musicar (SMALL, 2003), faz sentido que sua aprendizagem aconteça em meio ao seu fazer.

A mesma situação de aprendizagem foi observada por Candusso (2009) no estudo sobre a capoeira angola:

Nos processos de ensino e aprendizagem musicais, constatei que nunca se recorre à fragmentação: se aprende a cantar e tocar simultaneamente. Na roda de capoeira, todos participam: quem tocando e cantando, quem somente cantando, mas ninguém fica do lado de fora “assistindo”. (CANDUSSO, 2009, p. 218).

Aprender acontece, portanto, em meio ao rito, em sua totalidade. Mas existiria alguma estratégia, no sentido de apoio à aprendizagem? Segundo Itamar, quando o grupo soube que haveria novatos interessados em participar da Companhia naquele ano, o gerente deu instruções ao grupo em como deveriam nos receber e nos ensinar:

Se acaso ver que a voz não tá caseando, ninguém vai falar nada para a pessoa no meio dos outros, e ninguém vai ficar olhando e fazendo esse chocalho na cabeça também não [ele se refere ao gesto de não]. Aí depois que tiver cantado, na hora do batuque, [...] chega empareado com ela assim, mas conversa com ela sem ninguém perceber. (Entrevista, jul. 22).



Interpretei do seguinte modo: deixem-na experimentar, tentar, e não corrijam neste instante, já que pode causar constrangimento. Mas o erro não deve persistir, a correção virá, no seu tempo, longe dos ouvidos alheios, em um momento de dispersão do grupo e com respeito e leveza. Identifiquei, nas instruções do gerente da Companhia, algo do método de ensino que o seu pai usava com os filhos, quando conduzia os ajustes das vozes a partir do que eles já conheciam, sabiam e faziam.

Fiquei encantada ao ouvir esse relato, que sugere uma intervenção pedagógica respeitosa, acolhedora e empática. Reconheci ali uma metodologia que vivenciei em outras tantas situações de aprendizagem, que me encantaram e seguirão me encantando enquanto as encontrar: são modos de ensinar pautadas no *sim*, nos quais o fato mais importante está no acontecimento e na expressão, e a partir deles os conteúdos são conduzidos e ajustados. Que belo modo de ensinar!

Após a iniciação ao cavaquinho, que aconteceu junto à sua família, Itamar se encantou com o violino:

Aí encafifei com o violino. Encafifei com aquele trem que encafifei mesmo... pus na cabeça que eu precisava aprender aquele trem lá... Aí fiquei: fué, fué (cantando uma nota aguda) dentro de casa, né. A mãe queria bater em mim, doida pra bater o cabo de vassoura..., mas eu tenho que aprender a tocar isso daqui. Aí fui pelejando, pelejando com a ideia, né, concentrado naquilo, pra mim achar o ritmo do reis, e achei. (Entrevista, jul. 22).

Durante esse processo, primeiramente procurou alguém que pudesse lhe ensinar a afinação, que logo identificou como sendo igual ao do cavaco. E durante o aprendizado, teve o apoio de um sanfoneiro, que o convidou a visitá-lo para juntos encontrarem os sons desejados no violino:

Aí tenha um tal de Zezinho barbeiro, em Guaranésia [MG], que era sanfoneiro, falou assim pra mim: você vai lá em casa pra nós dar uma ensaiadinha, eu pego a sanfona, só nós dois, eu vou te explicando, você vai achando, você pega o jeito. Eu fui na casa dele. Cheguei lá tinha uma sanfona igual essa, dessa mesma cor. Aí pegou a sanfona dele lá, ele veio, acho que fez ré maior, ficou tempo fazendo aquele ré maior, fram, fram, fram, pra mim achar ali no violino. Achei. Aí depois passou pra segunda, pra mim achar onde tava... não tem traste! Daí achei, a primeira, a segunda, a terceira, e as caídas. Aí ele fez os acordes na sanfona e eu fui fazendo no violino, acompanhando ele. Aí aprendi tocar violino. (Entrevista, jul. 22).



Que maravilhoso estudo esse sanfoneiro proporcionou ao aprendiz de violino. Dessa vez, a rede ultrapassa os domínios parentais e se pautam por laços de amizade, uma “complexa estrutura de tipos diferentes de redes, situações e espaços sociais onde, entre si, as pessoas trocam serviços e significados” (BRANDÃO, 1984, p. 100).

Passou, então, a tocar violino na Companhia. Mas houve uma ocasião em que o sanfoneiro não pode comparecer, situação que aproximou Itamar do seu atual instrumento:

Aí depois eu estava na Companhia, o dono da Companhia carregando uma sanfona dessas nas costas. Solão quente. Sanfoneiro não tinha, estava doente, não podia ir. A Companhia pousava, a sanfona pousava. Aí eu peguei, na hora do almoço, eu entrei assim no quarto onde estavam os instrumentos... acho que se eu toco violino eu toco esse trem também. (Entrevista, jul. 22).

Nesse momento, pegou a sanfona e encontrou, de ouvido, o acorde ré. Saindo da casa, o embaixador pediu para que ele continuasse com a batucada, que consiste em uma forma mais livre e festiva de se tocar, no trajeto entre uma e outra casa:

Vou tocar o que na rua? Só aprendi o ré maior! Os caixeiros já empariaram comigo, e falaram assim pra mim: “ô Bigode, dá um começo aí que nós se vira”. “Dá começo que jeito? Não sei nem como dar começo aqui.” Aí abri a sanfona e comecei a dar uma chacoalhadinha, eles pegaram um batoque e eu fui atrás deles. Mas eles que estavam fazendo, eu não estava tocando nada. Só dei uma chacoalhadinha na sanfona pra dar um começo. E nós fomos. Aí chegou na outra casa, toquei de novo, os caixeiros bons! Dali foi indo. Daquele dia em diante eu nunca mais peguei o violino. Tem 39 anos, eu nunca mais peguei o violino na mão, nem de brinquedo. Daí peguei a sanfona e daí acabou. No outro ano foi só eu. (Entrevista, jul. 22).

Os companheiros o incentivaram, e ele ganhou coragem. O período de iniciação a um instrumento é carregado de muitas inseguranças, e sem dúvida ser acolhido nesse momento é crucial. Assim como o incentivo do grupo, a oportunidade de experimentação e o acolhimento da aprendizagem como processo confirmam a existência das redes de apoio nas quais o ensinar-e-aprender acontecem.

Durante o curso de tornar-se sanfoneiro, entrou para um grupo com diferentes Embaixadores², situação que exigia mudanças harmônicas desafiadoras para um iniciante. Ele

² Embaixador ou Mestre: encarregado de formar os versos que serão cantados pelo grupo, sejam eles versos tradicionais ou improvisados.



tocava junto ao velho sanfoneiro do grupo, quando lhe comunicou o seu medo de errar, quando a resposta:

“Pode ir com calma, eu vou tocando, se eu perceber que você errou eu cubro com a minha sanfona.” [...] Tinha hora que eu dava uma errada, ele puxava, ninguém percebia. Depois eu acostumei, às vezes tocava um ritmo em que ele mesmo que era profissional dava uma rata, eu cobria ele. (Entrevista, jul. 22).

De fato, não faz sentido dar evidência ao erro já que aprender se trata de processo: “a turma nossa é engraçada, quando algum dá um errinho ninguém corrige ninguém não, se não fica ruim” (Entrevista, jul. 22). E quanto mais acolhido estamos nesse processo, mais nos arriscamos a ir mais longe. Itamar aprendeu a partir desses modos de ensinar-e-aprender, e agora os perpetua enquanto mestre formado nessa tradição:

Vamos supor, é o primeiro ano que você vai tocar. Eu tô aqui e você tá de cá. Eu já te aviso: pode tocar sem medo, sem cisma, se você ver que você vai errar alguma nota, alguma passagem, eu cubro você. Aí você vai naquela... você confiou em mim. Se eu perceber que você deu uma caída, é só abrir a sanfona mais um pouquinho que ela cobre. (Entrevista, jul. 22).

Apesar das dinâmicas descritas acima, Itamar afirma que aprendeu a tocar a sanfona sozinho. Certamente porque reconhece o esforço, o interesse e a dedicação que dispensou individualmente. Mas o que se evidencia, após esse mergulho nas entrevistas, é uma grande rede de apoio, integrada inclusive por mestres-professores, formados pela tradição oral e capacitados a ensinar. Nessa missão, perpetuam também modos tradicionais de ensinar, que acontecem articulados às estruturas que almejam manter.

Dentro da equipe, mas estabelecendo entre si relações de trocas de saber e de favores mútuos que se realizam à parte, professores e aprendizes do mundo rural fazem e são, eles próprios, as redes vivas de trabalho docente através dos quais o saber necessário de uma fração da cultura camponesa flui e se torna uma tradição atual e acreditada. (BRANDÃO, 1984, p. 98).

Itamar nasceu e viveu dentro da Folia. Seus processos de aprendizagem se deram apoiados, primeiramente, pelo seu núcleo familiar, e posteriormente pelas redes de foliões que mantêm essa manifestação viva e permanente. Mas qual seria o método de ensino do mestre sanfoneiro para alguém de fora dessas redes? Pergunto, então, ao final da entrevista,



o que ele responderia se alguém que desconhece o rito lhe perguntasse como se aprende a cantar Reis. A resposta veio rápida e certa: “entrar no grupo [...]. Que nem eu fiz com você”.

Considerações finais

Ensinar-e-aprender, neste estudo, é entendido com um trabalho social e, portanto, relacional, respaldado pelo diálogo e pela partilha de saberes. Foi com base nessa abordagem que este estudo se constituiu, e através dela pude perceber as redes que apoiam a aprendizagem musical no universo da Folia de Reis.

Posso afirmar que o primeiro gesto da Folia foi me receber em seu meio. Aprender acontece no interior do rito, em sua totalidade. Primeiro é preciso conhecer, experimentar, tornar ação, e, no decorrer desse processo, os foliões sugerem mudanças e melhorias. Todos são responsáveis pela tradição, então todos escutam e orientam se preciso. E essa orientação pode vir a partir de uma abordagem delicada, longe dos olhos alheios, sem exposição do erro e da pessoa.

Além desse modo de ensinar-e-aprender, pude perceber que existem redes de foliões que acolhem os processos de aprendizagem nos jovens aprendizes. Itamar conta de inúmeras situações em que foi apoiado por essa rede de músicos de reis enquanto aprendia um novo instrumento. O convite de experimentação junto ao grupo e o acolhimento da aprendizagem como processo confirmam a existência dessas redes de apoio nas quais a circulação dos saberes acontece, evidenciando um método de ensino pautado na confiança e na coletividade.



Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Casa de Escola*. Campinas: Papyrus, 1984.

_____. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Editora Paulinas, 1985.

_____. *A flauta de prata: escritos sobre o saber e a educação*. Curitiba: CRV, 2019.

CANDUSSO, Flávia. *Capoeira Angola, educação musical e valores civilizatórios afro-brasileiros*. 2009. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

PENNA, Maura. Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 31, 2021, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: UFPA, 2021. Disponível em: <http://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/view/831/491>. Acesso em: 21 nov. 2022.

PEREIRA, Rita Ribes. A metodologia mora no tema: infância e cultura em pesquisa. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1-20, 2021.

ROCHA, Rosenilha Fajardo. *Tradição, religiosidade e pertencimento na performance musical da Folia de Reis da Serra*. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Comunicação Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

RODRIGUES, Leo. Folia de Reis é declarada patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais. *Agência Brasil*, Belo Horizonte, jan. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-01/Folia-de-reis-e-declarada-patrimonio-cultural-imaterial-de-minas-gerais>. Acesso em: 06 out. 2022.

SILVA, Affonso M. Furtado da. *Reis Magos: história, arte, tradições*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006.

SMALL, C. *Música. Sociedad. Educación*. 2. ed. Madrid: Alianza, 2003

WHITAKER, Dulce C. A.; DANTAS, Alexandre; ANDRADE, Eliana A. P.; FIAMENGUE, Elis Cristina; ARAÚJO, Rosane A. P; MACHADO, Vítor. A Transcrição da Fala do Homem do Campo: fidelidade ou caricatura. *Caderno de Campo*, São Paulo, série 2, n.11, p. 65-70, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10128>. Acesso em: 17 mai. 2023.

